

## “COMPRIDO”: A MORTE DE UM LÍDER WAIMIRI-ATROARI<sup>1</sup>

*Stephen Grant Baines<sup>2</sup>*

*RESUMO* – Este trabalho examina o discurso, numa Frente de Atração da FUNAI, que versa sobre a morte de um líder do grupo indígena Waimiri-Atroari. Examinei os discursos dos Waimiri-Atroari – inclusive dos “Capitães” nomeados pelos funcionários como agentes interculturais da própria Frente de Atração – os dos funcionários da FUNAI de diversos níveis da hierarquia burocrática do órgão e os de alguns regionais. Começo com as versões dos servidores, cujo discurso revela as contradições da situação de contato interétnico e o emprego de força pela sociedade nacional para impor relações de sujeição-dominação entre os Waimiri-Atroari e a equipe de servidores da FUNAI. Relato comentários de alguns Waimiri-Atroari, uma visita ao local onde faleceu o líder, sua vida, e como a imagem deste personagem do passado foi transfigurada em discursos diversos para atender aos interesses atuais dos falantes conforme sua posição na Frente de Atração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Frente de Atração, Líder, “Capitão”, História, “Chefe-geral”.

*ABSTRACT* – This paper examines discourse, in an “Attraction Front” of the National Indian Foundation (FUNAI), which is about the death of a leader of the Waimiri-Atroari indian group. I examine the discourse of

<sup>1</sup> Este trabalho, com modificações, é baseado em material do Capítulo XI da tese de doutorado: “É a FUNAI que sabe”: A Frente de Atração Waimiri-Atroari, defendida na Universidade de Brasília em 1988. Os Waimiri-Atroari são um grupo indígena da família lingüística Carib que habitam a região de floresta tropical que abrange os rios Camanaú, Curiauá Alalau e Abonari e seus afluentes, no norte do Amazonas e sul de Roraima. Realizei pesquisas entre 1982 e 1985.

<sup>2</sup> Universidade de Brasília, na época pesquisador do Departamento de Ciências Humanas do MPEG.

*Waimiri-Atroari – including that of the indian “Captains” appointed by the FUNAI employees as intercultural agents of the “Attraction Front” itself – that of the FUNAI employees from various levels in the bureaucratic hierarchy of the organ, and that of some members of the regional population. I start with the employees’ versions, whose discourse reveals the contradictions of the situation of interethnic contact and the use of force by the national society to impose social relations of subjection-domination between the Waimiri-Atroari and the team of FUNAI workers. I relate comments of some of the Waimiri-Atroari about this leader, a visit to the place where the leader died, his life, and how the image of this personality from the past has been transfigured in several discourses to attend the present interests of the speakers according to their position in the “Attraction Front”.*

KEY-WORDS: “Attraction Front”, Leader, “Captain”, History, “General-chief”.

## INTRODUÇÃO

Os Waimiri-Atroari, grupo indígena da família lingüística Carib, habitam atualmente os vales dos rios Alalaú, Camanaú, Curiauí e seus afluentes no norte do Amazonas e sul de Roraima. Suas aldeias nos igarapés Santo Antônio do Abonari e Taquari, afluentes do rio Uatumã, foram transferidas em 1987 com o fechamento da represa hidrelétrica de Balbina que alagou parte desta área, tornando a rede hídrica do rio Uatumã inabitável.

Após décadas de massacres e expedições punitivas, que partiram dos governos locais junto com exploradores de recursos naturais, documentados desde os meados do século passado, seu território foi invadido de maneira violenta com a construção da estrada BR-174 no início da década de 70. A construção desta estrada foi acompanhada por invasões de empresas mineradoras e usinas hidrelétricas.

A população Waimiri-Atroari que sobreviveu às ondas de epidemias decorrentes do contato intensificado foi sujeita à implantação de uma “Frente de Atração” da FUNAI, que visava a sedentarização dos indígenas e a reorientação da sua sociedade através de uma política de “integração acelerada” à sociedade nacional. A Frente de Atração agia como uma instituição total, um aparelho para ressocializar os Waimiri-Atroari como “índios” conforme o pensamento indigenista, enquanto seu território estava sendo invadido, sujeitando-os a projetos econômicos com regimes disciplinadores de trabalho, dirigidos por funcionários da FUNAI com objetivo de transformar os Waimiri-Atroari em trabalhadores obedientes e transferíveis.

Posteriormente a empresa mineradora Paranapanema e atualmente a Eletronorte junto com a FUNAI assumiram a direção da política indigenista neste território indígena.

Nunca tive contato com o líder Waimiri-Atroari “Comprido”, e não pretendo reconstruir fatos históricos. Trato a história no sentido de uma consciência do passado aplicada às finalidades do presente. Examinado como os servidores da Frente de Atração Waimiri-Atroari (da FUNAI) e regionais transfiguraram um personagem do passado a partir dos estereótipos altamente

pejorativos a respeito do “índio”. Grande parte das declarações que ouvi versam sobre sua morte, quase todas em palavras acaloradas. Sendo um dos líderes Waimiri-Atroari investido de autoridade por membros do seu grupo étnico, em contraste com os “Capitães” recrutados pelos funcionários da FUNAI como agentes interculturais da Frente de Atração, “Comprido” procurou afastar a população invasora. Por isso, os servidores apresentam-no em termos de extremo desprezo. Nos últimos anos de vida de Comprido, os “Capitães”, predominantemente jovens, estavam se tornando “instrumentos de dominação do alienígena, determinado a ocupar o território indígena...” (Oliveira, 1978:92).

## A MORTE DE COMPRIDO: OS SERVIDORES

“Comprido já morreu. Dizem que foi gripe, pneumonia, tuberculose”, afirmou, certa vez, Otávio<sup>3</sup>, um Chefe de Posto da Frente de Atração. Ele citava uma das explicações dadas pelos próprios servidores da FUNAI aos Waimiri-Atroari e que estes lhes devolviam. Um Coordenador da Frente de Atração<sup>4</sup> ofereceu outra versão “... líder Atroari Comprido (...) morreu de morte acidental numa caçada de uma manada de caititu e queixadas...”. Como a primeira versão, esta apresentava sua morte como se não tivesse sido efetuada diretamente por agentes humanos. O mesmo Coordenador expôs: “Não esquecemos que as últimas reações dos Atroaris, liderados pelo chefe Comprido em 1974, tiveram como movente o ciúme natural pelas assistências generosas dispensadas, nos primeiros anos de contato, mais para os Waimiri do que para eles”<sup>5</sup>.

Além de reforçar a redefinição de muitos grupos locais em dois grupos distintos, os “Waimiri” e os “Atroari”, feita durante a história de contato pelo órgão tutelar<sup>6</sup>, o Coordenador referiu-se à autodefesa dos Waimiri-Atroari frente à ocupação do seu território e às epidemias e depopulação maciça decorrentes<sup>7</sup> com a palavra “reações”, usada pejorativamente. Aciona o estereótipo do “índio” como possuidor de “ciúme natural” para explicar um comportamento que lhe era incompreensível: os ataques contra os Postos Indígenas da FUNAI.

3 Neste trabalho uso pseudônimos para os Waimiri-Atroari, funcionários braçais e Chefes de Postos, para conservação de seu anonimato. No caso de coordenadores e funcionários de nível maior, uso seus nomes, pois tenho que citar documentos assinados por eles.

4 “Relatório: Participação ao III Seminário sobre a Pesquisa da Região Amazônica”, de Giuseppe Cravero, 1981. FUNAI.

5 “Atas do Sexto Encontro de Chefes de Posto do NAWA (Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari)”, de 04.09.82, do coordenador Giuseppe Cravero. FUNAI.

6 Para uma discussão das perspectivas indígenas sobre estas categorias, ver Baines, 1988, sobretudo Capítulo VIII, 2.i e 2.ii.

7 A população dos Waimiri-Atroari antes da construção da estrada BR-174 era muito maior do que atualmente, ao julgar pelos depoimentos dos indígenas e pelo número de capoeiras de aldeias abandonadas. Em 27.10.73, quando os Waimiri-Atroari já sofreram epidemias devastadoras, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa admitiu que “A Frente de Atração não possui dados reais sobre o número de indígenas... Contudo, estimativas do signatário do presente Relatório dão como de 600 a 1.000 o número de índios” (Relatório da Frente de Atração Waimiri-Atroari, apresentado pelo sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, Chefe da FAWA). Em 1983, após ter visitado todos os aldeamentos e aldeias habitadas, entrei em contato com aproximadamente 332 indivíduos Waimiri-Atroari.

Os Waimiri-Atroari me disseram que não há mais, embora aleguem a presença de remanescentes de outros grupos indígenas, de língua e costumes diferentes, ao nordeste do seu território.

Dilson, um servidor que se identificava como “índio civilizado”, disse que conhecera Comprido: “Comprido veio ao Posto passear. Ficou dois ou três dias e se mandou. Veio só passear, ver os brindes. A turma dele era brava. Eles estavam bons quando ele não estava. O Dalmo e o Dario (o ‘Capitão’ principal, posteriormente nomeado pelos funcionários da FUNAI, e o irmão dele, também nomeado ‘Capitão’) andavam no meio deles”. Ao dizer que os Waimiri-Atroari “só passeavam” Dilson desprestigiou a vida que levavam antes de serem agrupados em aldeamentos, em oposição à vida de “trabalho” imposta através do regime de horários de serviço dirigido pelos funcionários da Frente de Atração. A não submissão dos Waimiri-Atroari às ordens dos servidores foi censurada pela palavra “brava”. O fato do servidor dizer que estavam “bons” sem a presença de Comprido, revela que o “culpava” pessoalmente por essa não subordinação. Dilson relatou que Comprido havia morrido em 1978 ou 1979.

Quando perguntei a respeito da morte de Comprido, outro servidor, Ariel, interrompeu: “Ninguém sabe como ele morreu. Parece que os índios botaram ele como Capitão mas não deu certo. Os índios mesmos tiraram. Parece que ele ia fazer as mesmas coisas do pai dele. Quem está comandando eles hoje é o Dalmo junto com o irmão dele. Comprido era o Chefe deles, tanto comandava aqui como comandava os Waimiri. Era Chefe-geral mesmo. Depois que desapareceu o Comprido, o Dalmo veio aqui para (o Posto Indígena) ‘Terraplenagem’<sup>8</sup> e falou que queria fazer maloca aqui como fizeram. O filho dele, Wilson<sup>9</sup>, contou para mim: ‘Morreu. Aqui maloca tocou fogo’”. Perguntei-me até que ponto a sua interpretação, de que os Waimiri-Atroari haviam “tirado” Comprido da liderança, não era aquela que os servidores mandaram os Waimiri-Atroari assumir. O fato de Comprido, apesar das suas tentativas de repelir os invasores<sup>10</sup>, mostrar-se incapaz de desalojá-los, teria levado o número minguante de sobreviventes das epidemias a desistir desse esforço. Os primeiros que se aproximavam dos Postos Indígenas da FUNAI e se mostravam dispostos a se acomodarem à ocupação, foram nomeados pelos servidores como “Capitães”, subordinados às ordens e atitudes dos funcionários, inclusive a uma postura que exigia a eliminação de Comprido.

“O Comprido tinha autoridade mesmo. Não se sabe se ele morreu de doença ou se Dalmo matou ele. Há um boato que Dalmo tenha matado ele”, contou Ernane, antigo funcionário da Frente de Atração. Relatei-lhe que o Chefe de Posto, Petrônio, me dissera que quando visitou algumas aldeias em 1983, Dalmo não quis que Petrônio fosse ao local onde Comprido morrera, e outro Waimiri-Atroari, Bruno, o levou. Ernane conjecturou: “É possível que Dalmo

8 O Posto Indígena Terraplenagem é situado na beira da estrada BR-174 que corta o território Waimiri-Atroari ao meio.

9 Wilson diz que é “miriki”, filho de um irmão de Comprido.

10 No início da década de 70, o território dos Waimiri-Atroari estava sendo invadido de maneira maciça com a construção da estrada BR-174 que o atravessa. Durante sua construção, turmas de militares e funcionários de firmas empreiteiras – com maquinaria pesada – o invadiram, junto com uma equipe da FUNAI que ultrapassava cem homens. O sertanista Apoena Meirelles afirmou que em 1975, ele aumentou para 15 o número de servidores em cada Posto Indígena, e deslocou 60 servidores para acompanhar o Exército na construção da estrada. Em relatório de 24.01.79, os servidores Giuseppe Cravero e Sebastião Nunes Firmo propuseram um aumento de 131 para 191 funcionários da FUNAI na Frente de Atração. A estrada BR-174 foi inaugurada em 1977.

matou Comprido e queria esconder isso”. A hipótese de que Dalmo tivesse eliminado Comprido ficou mais explícita na fala de outro servidor, Hermes, no Posto Indígena Alalaú Primeiro: “Dario contou quando Comprido morreu. Ele estava na rede com muita febre. Aí eles mataram ele. Seguraram seus braços e suas pernas e mataram. Dizem que era ele que mandava neles. Recebeu bem no Posto. Aí voltava e Comprido mandou eles voltar pra matar. Por isso que o pessoal tinha muita raiva e medo dele. Dalmo e Dario mataram Comprido. Amarraram ele”.

Euclides acrescentou em voz acalorada: “Depois que ele morreu vieram todos morar no Posto. Quando ele morreu era melhor! O homem era escroto, era perverso! Se não tivesse morrido, teria morrido mais gente”.

Félix declarou: “A gente via que o homem era cara-de-pau!”

Hermes revelou que os Capitães Dalmo e Dario haviam indicado Comprido como mandante dos ataques contra os Postos. Porém, não me ficou claro se esta postura tinha partido deles, ou se eles devolveram para os servidores a imagem que estes lhes haviam apresentado, como foram acostumados a reafirmarem o discurso dos funcionários da Frente de Atração. As afirmações de Euclides e Félix mostram que os servidores desejavam eliminá-lo. Haviam-no visto como um empecilho aos seus objetivos de sedentarizar os Waimiri-Atroari nos aldeamentos subordinados aos Postos Indígenas. Consideraram sua aniquilação como um ato grato que os liberara da possibilidade de mais mortes entre os funcionários. O fato deles haverem atribuído a eliminação de Comprido aos Capitães Dalmo e Dario acarretou um aumento de prestígio destes aos olhos dos servidores.

De outra feita, o servidor Ibrahim contou-me que havia visto Comprido no Posto Indígena Terraplenagem. “Trouxeram pupunha para encher uma caçamba. Comprido morreu em '78, mais ou menos na metade do ano. Dizem que mataram ele enforcado. Amarraram um cipó e puxaram. Dizem que Vicente matou a mulher dele. Adriano também”.

Cloraldino, um servidor “índio” recém-chegado à área, exclamou: “Por isso que Dalmo não gosta deles”.

Ibrahim acrescentou: “E Dalmo aí em Terraplenagem pequenino”.

A versão de Ibrahim corroborava a de Hermes, de que Comprido foi eliminado. Cloraldino prescreveu uma atitude reprovadora para o Capitão Dalmo tomar em relação a Vicente e Adriano porque, como se alegava, haviam matado suas mulheres. Ao mesmo tempo, conforme os relatos dos servidores Ibrahim e Hermes, a equipe dirigente havia aprovado, se não instigado, a eliminação de Comprido. Assim os servidores formularam uma contradição de atitudes, a ser assumida por Dalmo, tornando-o um foco destas atitudes contraditórias a partir do momento em que ele se submetera a seu mando. Nas suas tentativas de lidar com a população invasora, Dalmo e os outros Capitães foram obrigados a dominar a contextualização das atitudes contraditórias expressas pelos servidores. Esta, em si, era uma das tarefas do seu cargo, de mediar os discursos correntes da Frente de Atração, contextualizando cada discurso para satisfazer a pessoa a quem se dirigia, dentro das relações de sujeição-dominação, estabelecidas pelos funcionários. O discurso que os Capitães apresentavam constituía um contexto de dominação (Habermas, 1980:204).

As palavras de Ibrahim, afirmando que Dalmo tinha quinze ou dezesseis

anos de idade quando viera morar definitivamente no Posto Indígena Terraplenagem em 1978, atestam o fato de que Dalmo, desde jovem, havia sido escolhido como o Capitão principal da Frente de Atração.

As declarações do Chefe de Posto, Petrônio, oferecem maior esclarecimento. Ele contou que o primeiro Chefe do Posto Indígena Terraplenagem “deu relógio para Comprido... todos eles atendiam ao Comprido. Ele parecia um homem mesmo”. Seu comentário sobre a autoridade de Comprido na sociedade Waimiri-Atroari, antes deles virem morar nos aldeamentos, coincide com o de Ernane, acima citado. Ao relatar sobre a morte de Comprido, Petrônio citou as palavras do Capitão Dalmo: “‘Toca fogo nele. Matar. Toca fogo nele!’ Comprido era um bicho e um perverso... Dalmo e Dario não se davam com Comprido”. Novamente as palavras relacionam Dalmo e Dario com a eliminação de Comprido, mostrando aprovação. Já que outras citações implicam que Dalmo e Dario andavam juntos com Comprido, a afirmação de que eles não se davam bem sugere que essa fosse a postura nova prescrita para eles pelos servidores. Petrônio confirmou que censurara Comprido na presença dos Waimiri-Atroari. Na ocasião em que ele visitara as aldeias e capoeiras ao leste da estrada BR-174, em 1983, insistira em visitar a capoeira de Comprido, contra a vontade de Dalmo. Relatou que viu panelas de alumínio furadas e repreendeu os Waimiri-Atroari.

A censura a Comprido pelos servidores era unânime. As mudanças abruptas do seu comportamento e o dos demais Waimiri-Atroari abalaram a segurança dos servidores, que aprovaram sua eliminação. Jofran, que se identificava como “funcionário índio do Rio Negro”, declarou: “Eles são meio brutos... Eles vão se civilizar agora. Tem muitos curumim aqui... Aqueles que eram mais brutos já morreram. O Capitão Comprido e outros”. Um colono que morava perto dos limites da área em Abonari, e trabalhara como motorista na construção da estrada BR-174 entre 1974 e 1977, disse: “Comprido esteve aqui na ponte (sobre o Igarapé Santo Antônio do Abonari). Dizem que ele morreu e as coisas já melhoraram. Dizem que mataram ele”.

Perguntei a um servidor no Posto Indígena Terraplenagem a respeito de Comprido e ele retorquiu: “Não. Eu nunca vi aquela fera!”. Em outra ocasião, no Posto Indígena Alalaú Primeiro, os servidores estavam conversando sobre Comprido. Clóvis disse, em tom de desprezo: “O Comprido... ele sempre esfregava a cabeça contra minha cabeça, cheia de piolhos. Bicho nojento era aquele Comprido”. Ibrahim interrompeu: “A gente não podia falar nada naquele tempo, não”. Clóvis retrucou: “Eu falava para eles! Eu não deixava eles fazer tudo o que queriam”. Revelou que ele começara a disciplinar os Waimiri-Atroari a partir dos primeiros contatos nos Postos Indígenas.

## FORÇA

Todas estas declarações a respeito de Comprido deixam transparecer que o comportamento dos Waimiri-Atroari, na época em que estes haviam tentado expulsar os invasores da região, era incompreensível para os servidores, despertando neles raiva e medo. Procuravam dar sentido a uma situação em que viam suas próprias vidas ameaçadas. Sua resposta era a necessidade da eliminação de Comprido, e demonstrações de Força.

Após Comprido haver sido apontado como um dos participantes dos

ataques contra os Postos Indígenas, no início da década de 70, os servidores começaram a focalizar sua ira contra ele. No final de 1975, o sertanista Estevão da Silva Rodrigues narrou<sup>11</sup> um dos primeiros encontros após os atritos de 1974<sup>12</sup>: “No comando do pequeno grupo de sete guerreiros encontrava-se o Capitão Comprido. Já este encontro não foi muito bom nem tampouco bem-sucedido por parte dos curiosos, havendo um congestionamento de veículos e pessoas (...) o sertanista (Afonso) teve o apoio do tenente do 1º BIS comandante G.C. de segurança da estrada, (...) os índios saíram mal satisfeitos”. Além de revelar a presença da ameaça de força, o sertanista recomendou, neste relatório, que cada Posto Indígena tivesse vinte servidores “para melhor segurança”. Em, outro relatório do mesmo sertanista, de 1976, o líder Waimiri-Atroari tornou-se o “temível chefe ‘Capitão Comprido’ ”<sup>13</sup>.

Um soldado do 6º BEC contou-me que em 1973 os Waimiri-Atroari haviam levado um bote de alumínio do Exército do local onde a estrada BR-174 atravessa o rio Alalaú para a Cachoeira Criminosa, e que soldados encontraram o bote “todo furado”, o motor “quebrado”. “Fomos bem preparados, com carabina e muitas armas. Nós não atacamos os índios, mas fomos bem preparados para nos defender se os índios atacassem. Trouxemos uma canoa grande para Abonari... Eu conheci Comprido. Ele era civilizado, vestia roupa, usava relógio. Ele esteve na minha casa em Abonari. Ele falava português”.

Um relatório do coordenador<sup>14</sup>, datado de 13.07.76, destaca a censura dos servidores da FUNAI aos líderes Waimiri-Atroari naquela época. “Gilberto Pinto Figueiredo, que apesar de haver conseguido um alto grau de entrosamento com o chamado ‘Capitão Maruaga’ foi por ele próprio traiçoeiramente assassinado de maneira inusitada e sem motivos justificáveis”. Uma vez que este coordenador não encontrava motivos que considerava justificáveis, declarava não somente sua incompreensão dos Waimiri-Atroari como também admitia não tentar compreendê-los. Expressava sua atitude conforme os estereótipos do “índio” como traiçoeiro e assassino. Os Waimiri-Atroari também enfrentavam uma situação que para eles era incompreensível: a sua eliminação em decorrência das ondas de epidemias, interpretando-as sob a forma de acusações de feitiçaria.

No mesmo relatório, o coordenador mostrou a contradição inerente à sua política: “... aos 23 dias do mês de junho passado esta frente de atração foi invadida por 93 guerreiros que aqui se demoraram 4 dias. Os mesmos estavam sob o comando ‘Capitão Comprido’ que não me pareceu amistoso”. Apesar de ser considerada uma “Frente de Atração”, o comparecimento de Waimiri-

11 “Relatório de atividades no período 22.10.75 a 10.12.75”, do sertanista Estevão da Silva Rodrigues, FUNAI.

12 Em dezembro de 1974, após vários ataques contra os funcionários da Frente de Atração nos dois anos anteriores, um grupo de Waimiri-Atroari atacou o Posto Indígena Abonari, matando o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa e três outros servidores. Pelo menos três Waimiri-Atroari morreram baleados neste atrito.

13 “Relatório das atividades da equipe da Frente de Atração Waimiri-Atroari no Posto localizado no quilômetro 308 da BR-174, no trecho compreendido entre o rio Alalaú e o rio Branquinho, no período de 20.01.76 a 31.05.76, do Chefe do Posto da FUNAI, Estevão da Silva Rodrigues e o Subchefe Júlio Reinaldo de Moraes, 1º DR, FUNAI.

14 “Relatório do sertanista Sebastião Nunes Firmo, coordenador da Frente de Atração ‘Waimiri-Atroari’ situada no km 308 da BR-174 da Rodovia Manaus-Caracará, de 13.07.76, dirigido ao Presidente da FUNAI”.

Atroari foi descrito como uma invasão, presumivelmente em consequência do comportamento de Comprido não haver correspondido aos preceitos de “amizade” do coordenador.

O servidor Ariel relatou que “em 1977 a coisa em Terraplenagem estava feia. Precisava do apoio do 6º BEC. Eles mandaram todas as mulheres e crianças embora. Ficaram só os homens. O Comprido espumava pela boca com raiva e gritava ‘Peruano marupá’<sup>15</sup> (Civilizados não prestam)”. Comprido tornou-se o foco de uma situação que os servidores interpretavam como passível de uma demonstração de força. O funcionário Maximiano comentou: “Comprido não gostava que os índios falassem com pessoal da FUNAI. Cento e oitenta índios vieram aqui com Comprido. Chegaram muito mal. Sabá Firmo (o coordenador) pediu gente do batalhão. Quando o batalhão chegou aqui, eles foram embora de noite. Tinha muitos entocados no roçado. Sabá Firmo pediu força do batalhão para dar assistência. Na hora que o batalhão chegou eles foram embora. Aí Comprido nunca mais voltou”. Ao colocar Comprido em oposição à FUNAI, Ariel deu a entender que sua existência não podia ser tolerada, já que o processo de aldeamento exigia a sujeição política dos Waimiri-Atroari aos servidores. Supõe-se que, após ter sido repellido pela população invasora, Comprido morreu. A atitude do funcionário Marcus coincidia com a de Maximiano: “Comprido saiu com noventa pessoas, homens e mulheres, em Terraplenagem. Aquele homem era muito bravo...”.

Segundo estatísticas de visitas dos Waimiri-Atroari aos Postos Indígenas compilados pelo Coordenador Giuseppe Cravero, Comprido visitara Terraplenagem nos dias 07 de janeiro, 14 de fevereiro, 18 de março e 04 de abril de 1978. Depois desta última visita, acompanhado por treze pessoas – três homens, duas mulheres e oito crianças – seu nome não consta mais nos registros. O jornal “A Notícia”, de Manaus, de 18.06.78, divulga que o Capitão principal Dalmo veio morar definitivamente no Posto Indígena Terraplenagem a partir desta mesma data. Uma publicação da FUNAI<sup>16</sup> afirma que Dalmo residia no Posto desde 11 de abril de 1978. Há então uma nítida coincidência entre a vinda de Dalmo para residir definitivamente no Posto Indígena e a morte de Comprido.

## A MORTE DE COMPRIDO: OS WAIMIRI-ATROARI

Despertei comentários dos Waimiri-Atroari a respeito de Comprido, quando lhes perguntava sobre os termos de parentesco. Sidney, homem idoso, no aldeamento do Posto Indígena Taquari, comentou: “Comprido. Ayaki, atí’ka

15 Termo da linguagem de dominação, aplicado sobretudo por alguns funcionários “índios” na sua fala dirigida aos Waimiri-Atroari, como sinônimo de “civilizado” ou “branco”, com conotação pejorativa, em oposição a “índio” e “FUNAI”. Era usado, freqüentemente, com referência a militares na época em que estive na área. Possivelmente o termo viesse a ser usado no início do processo de aldeamento, quando os servidores não fizeram a distinção para os Waimiri-Atroari entre funcionários “índios” e “brancos”. Os primeiros, que constituíam a grande maioria da equipe da FUNAI nesta Frente de Atração, muitos com uma longa experiência urbana em Manaus, identificavam-se como “peruanos” como parte de uma identidade estigmatizada de “índios” engendrada no ambiente urbano. Romano (1982:200) cita um Sateré-Mawé citadino em Manaus: “O racismo entre nós é tão forte que, com raras exceções, nenhum índio se identifica nesta cidade como índio: se dizem ‘peruanos’”.

16 Revista de Atualidade Indígena. 1978. 2(11): 14, Jul./Ago.



(Meu primo paralelo classificatório mais novo). 'Yihpa. 'Kamča 'yetiba, morreu" (Mataram. Dor no corpo, doente, morreu). Não entendi se Sidney estava dizendo que haviam matado Comprido por meio de " 'Kamča" (conceito freqüentemente relacionado a acusações de feitiçaria), ou o haviam eliminado por estar muito doente. Não entendi, também, se ele estava sugerindo que os invasores o haviam matado, ou os Waimiri-Atroari.

No Posto Indígena Alalaú Primeiro, a idosa Amélia, que era uma das esposas do pai de Comprido e, durante um período, uma das mulheres de Comprido, exclamou, quando mencionei seu nome: "Comprido, yeb'mihiba maru'agata! Širi'ri yab'kahapa" (Comprido morreu na maloca! Catarro o matou). Amélia geralmente adotava as versões que os funcionários proclamavam, pois ela tinha dois filhos adolescentes que trabalhavam junto com eles no Posto Indígena. O comentário de Wilson, parente próximo de Comprido, que havia morado com ele após a morte do seu próprio pai, expressava também, na presença do Capitão Dario, uma das versões dos servidores: "Comprido a'babakí (irmão do meu pai). Doente muito, gripe. Maru'aga (maloca) remédio não tem. Morreu". Mozart apresentou um comentário quase idêntico: "Comprido yeb'mihiba. Doença muito, não tem remédio, não tem nada".

## A MORTE DE COMPRIDO: OS "CAPITÃES" WAIMIRI-ATROARI

O Capitão Dario, ao contar sobre as epidemias, dirigiu-se a mim: "Começou quando Gilberto<sup>17</sup> entrou. Gilberto trouxe doença. Muita gente morreu. Comprido ficou com raiva. Pai de Comprido morreu, aí Comprido matou Gilberto. Começou tudo. Todo mundo morreu. Pai de Wilson morreu, pai de Clotilde, pai da minha mulher, pai de Gentil. Aí Comprido ficou putu. Ele falou: 'Este traz doença. Eu quero matar logo'. Doença começou lá no Camanaú..."

A fala de Dario abrangia elementos que eu ouvira dos servidores, focalizando as mortes entre os Waimiri-Atroari na pessoa de Gilberto, pois os servidores repetidamente lhes cobravam uma explicação pela morte do sertanista. "Culpou" Comprido pela sua morte. Dario apresentava uma versão dirigida a mim, classificado como "branco" pelos funcionários "índios" da Frente de Atração.

Certa vez, no Posto Indígena Terraplenagem, alguns Waimiri-Atroari e eu estávamos folheando um livro. Quando o Capitão principal Dalmo viu uma fotografia do sertanista Gilberto, interrompeu:

"Comprido queria matar Gilberto porque ele falou 'Depois que aquele homem gordo entrou, morreu muita gente'. Achou que ele matou. Os velhos tinham medo de 'branco' porque 'branco' tinha matado nosso parente. Ele foi atrás de ferramenta e 'branco' matou, pa'nati (no passado)... Quando aquele homem gordo entrou na nossa terra morreu muita gente. Morreu todos os velhos e só ficou Comprido. Aí Comprido ficou com raiva. Ele achava que era 'branco'. Eu fui morar no Posto primeiro. Não sabia que era FUNAI. Achava que era 'branco mesmo'..."

O Capitão Dalmo, como seu irmão Dario, referia-se às epidemias e aos atritos na linguagem dos funcionários, que dirigiam seu rancor contra Comprido.

<sup>17</sup> O sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa.

Apresentou uma postura de incriminar Comprido, além de incessantemente dividir o mundo entre “brancos” e “índios”. Sua fala, impregnada com os conceitos de “índio” e “branco” divulgados por muitos dos funcionários “índios”, traduzia a oposição de “Ki?in’ya” (gente, nós)/“Ka?amin’ya” (os outros) dos Waimiri-Atroari para a de “índio”/“branco”. Dalmo expressou esta reinterpretação na oposição “FUNAI”/“branco mesmo”. Assim, a maioria dos servidores redefinia para os Waimiri-Atroari os atritos interétnicos do passado em termos da oposição “índio”/“branco”, acionando-a na situação atual da Frente de Atração contra os indivíduos que designava “brancos” para tentar afastá-los e ganhar os cargos de Chefia.

Quando Dalmo relatava as mortes que sucederam após visitas dos Waimiri-Atroari aos Postos Indígenas, acrescentou: “ ‘Ma’ši’<sup>18</sup>, tipo veneno. Comprido pensou assim. Comprido pensou que ‘branco’ matou com veneno. Já faz tempo, já. Aqui não tinha estrada, não. Primeiro FUNAI abriu Posto. Aquela gente morreu, ‘ma’ši’...” Dalmo relatou uma epidemia que eliminou uma aldeia inteira: “Tinha gente morta na rede, já podre... Comprido ficou com raiva porque ele achou que foi ‘branco’ que matou. Por isso Comprido ficou com raiva”.

Os comentários dos Capitães Dalmo e Dario a respeito de Comprido refletem suas tentativas de satisfazerem as exigências dos servidores, “culpando” Comprido pelos atritos interétnicos e pela morte do sertanista Gilberto. Reafirmavam a postura dos funcionários, que dirigiam o rancor destes contra Comprido, utilizando-o como bode expiatório.

Em resposta a perguntas do servidor Ernane, Dario relatou: “Morreram gente de doença lá naquelas malocas (ao leste da estrada BR-174)... Comprido, pai dele. Morreram de gripe. Comprido estava com malária, febre, diarreia e tudo. A mulher dele falou para mim”. Como costumava fazer, ao responder às perguntas dos servidores a respeito de assuntos imbuídos por estes de atitudes contraditórias, Dario destacou para Ernane o que havia escutado sobre a morte de Comprido através de terceiros. Assim ele se dissociava dela e evitava a possibilidade de que Ernane o incriminasse. Declarações de funcionários como Cloraldino, acima citado, censuravam qualquer ato que terminasse com a vida de uma pessoa<sup>19</sup>. Os servidores não tomavam em consideração os preceitos da sociedade Waimiri-Atroari. Suponho que Dario estivesse dando uma resposta que ele achava compatível com os preceitos dos servidores. Em outra ocasião Dario me disse que “Comprido morreu de ‘ya?bi’ (febre).

Dario sempre reforçava as atitudes acusadoras dos funcionários com relação a Comprido. Ao falar sobre a época da construção da estrada BR-174, Dario disse: “Demóstenes (um homem idoso) achou bom não matar branco. Comprido achou ruim. Ele foi lá para nós, maloca da travessia. Ele disse: ‘Tem branco lá, tem muito lá. Como é que fazer? O que fazer? Acho ruim. Não deixa, não!’ Demóstenes disse: ‘Tem muito. Não podiam parar, não. Não mata, não’. Comprido ficou com raiva de branco. Demóstenes não deixou matar. Comprido

18 “Ma’ši” ou “mas’ki” são termos na língua Waimiri-Atroari para descrever o que provocou dores no corpo, pensando como algo com o qual foram “flechados”. “Kamča” referia-se aos sintomas associados com o primeiro conceito.

19 Artigo 57 do Estatuto do Índio proíbe “em qualquer caso a pena de morte” (Lei Nº 6.001 – de 19 de dezembro de 1973).

nunca conheceu branco e ele disse que achou ruim”. Aqui Dario colocava as atitudes dos servidores na boca do velho Demóstenes em oposição a Comprido.

A fala de Dalmo revela como ele defendia a postura dos servidores com relação a Comprido: “Comprido tinha medo de branco. Ai nós fomos lá para dentro (longe da estrada, nos igarapés afluentes do alto rio Alalaú). Ai branco apareceu lá em cima. Ai Comprido ficou com raiva. Comprido era bravo mesmo. Ele ficou bem manso só. Ai deixou FUNAI. Ninguém quase brigou com FUNAI”. Quando contei para Dalmo que vira um bote virado dentro de um lago no caminho que segue para o nordeste do Posto Indígena Terraplenagem rumo ao alto rio Alalaú, ele comentou: “Ka?amin’ya kanu’a (canoa de civilizados). Comprido foi lá no Posto (Indígena Alalaú II, destruído em 1974, no rio Alalaú, próximo ao local onde a estrada BR-174 atravessa este rio), não gostou o que estava fazendo lá. Antes ele não conhecia FUNAI. Achava que era branco e ci’kwahapa (flechou) e levou canoa. Comprido levou para lá. Brigou lá”. Aqui Dalmo fez distinção entre “branco” e “FUNAI”, apresentando novamente a postura dos funcionários. Talvez Dalmo tivesse usado a palavra Waimiri-Atroari para “flechou” porque era um ato censurado pelos funcionários, como o foi também sua língua.

Dalmo, Dario e outros Waimiri-Atroari nunca me ofereceram uma interpretação da morte de Comprido que coincidissem com aquelas dos servidores acima citados, e nunca abordei este assunto diretamente. Se Dalmo e Dario haviam participado da eliminação de Comprido ou não, o que importava para os servidores era a sua crença na participação deles, que os levava a conferir-lhes mais prestígio. Interpretavam seu alegado ato como heroísmo, que poupou a vida de mais servidores.

## “COMPRIDO ‘YĪHĪ”

No início de 1984, acompanhei Wilson e o menino Tiago do aldeamento Xery ao local onde Comprido havia morrido. Após pernoitar próximo a uma capoeira grande, seguimos um caminho até uma clareira pequena ligada por outro caminho a outra capoeira. Na clareira havia estacas grandes carbonizadas da habitação comunal onde Comprido morava, cercada por embaúbas e pupunheiras. Wilson me conduziu para o lado sul da clareira, invadida por batateiras e coberta de folhas secas de embaúba. Apontou o chão: “Comprido ‘yihĪ. Kir’kwahapa, ki?isihĪpa nu’nan ‘sa?dek” (Os ossos de Comprido. Queimamos, enterramos fundo com enxada).

Desta clareira outro caminho conduzia para o sudoeste. Seguimos por ele por uma hora até outra capoeira, onde havia uma habitação comunal abandonada. Wilson avisou que esta era a habitação de Damião. Referindo-se a uma bacia de alumínio, cheia de perfurações no fundo, Wilson comentou: “ ‘Sakanaba, Damião ‘sakanaba” (Com raiva. Damião estava com raiva). Posteriormente, Dalmo esclareceu: “Damião ‘sakanaba. Porque a mulher dele morreu”. Na sua frustração face às epidemias, os Waimiri-Atroari haviam destruído os bens fornecidos pela FUNAI. Num local, ao sudeste da clareira onde morrera Comprido, havia outra capoeira, e mais outra a menos de meia hora de caminhada para o norte, que Wilson disse haver sido de Comprido também.

Na volta, paramos novamente no local onde Comprido morrera. Wilson

enunciou: “Comprido yeb’ mihiba, ki’in’ya yihin’yahapa” (Quando Comprido morreu, nós nos afastamos daqui). A luz do sol filtrava, esverdeada, entre as árvores da clareira, expondo espaços do céu azul que abriram para a capoeira maior do roçado. Só os gritos de pássaros e o ruído de folhas secas de embaúba, que caíam de quando em quando, interrompiam o silêncio, dando uma sensação anômala de abandono a um local que, poucos anos antes, havia sido de muita atividade humana. Lembrei-me das palavras do Chefe de Posto, Petrônio, quando falava a respeito desta capoeira: “Era um setor esquisito”. Wilson e Tiago cortaram flecheiras da capoeira para levar, sem falar mais sobre Comprido e, após tomar banho num igarapé, seguimos de volta pelo caminho.

## A VIDA DE COMPRIDO

Não pretendo acrescentar mais nada ao emaranhado de declarações que forjam e transfiguram a imagem de Comprido. O discurso dos servidores apresentava, sobretudo, suas tentativas de justificar sua eliminação. Mesmo que os Waimiri-Atroari freqüentemente reafirmassem esta postura perante os servidores, e invariavelmente diante de mim que lhes fui apresentado pelos servidores como “branco”, algumas das suas alusões lançaram luz sobre o que significava este homem para eles. No aldeamento Xery, os homens estavam sentados em volta da mesa para jantar na “casa-Posto” do Capitão Dario, após concluir o horário de serviço às cinco horas da tarde. Contavam a respeito do passado, de caçadas, e a conversa tornou a versar sobre Comprido. Riam alto, e Wilson olhou para mim, rindo. Disse que Comprido gostava de brincar de “wa’hinyaba ’titi”, acrescentando: “Ma?dana muito!” (Muitas mentiras!), no sentido de brincadeiras. Contavam episódios em que Comprido havia feito brincadeiras com eles.

Um dia Dario me relatou: “Depois Waiwai chegou onde mora Comprido, o Comprido foi com ele. Passou um mês lá com os Waiwai”. Dalmo prosseguiu: “Avião, Gilberto (o sertanista) levou para Manaus. Comprido contava para mim. Comprido contou. Ele gostou”. O servidor Ernane relatou: “Comprido era líder de um grupo, Bruno de outro. Às vezes apareceram juntos, às vezes separados”. A importância que os Waimiri-Atroari davam a Comprido na sua fala, junto com as declarações dos funcionários, sugerem que ele era um líder local que havia atingido a proeminência política quando os homens mais idosos faleceram, e numa situação muito anormal de hostilidades em que, conforme Rivière (1977:40), seria característica de sociedades Carib se submeterem a uma autoridade temporária. Os Waimiri-Atroari se referiam ao fato de Comprido ter várias esposas, ao mesmo tempo que censuravam uniões poligâmicas indiscretas, seguindo as atitudes impostas pelos servidores da FUNAI e pastores Waiwai. Nas palavras de Guilherme: “Três não é bom. Duas mulheres não é bom. Papai Jesus, só uma mulher é bom”.

Se, conforme a hipótese de Farage (1985:182-183), a acumulação de mulheres fosse fonte de prestígio dos líderes, e os manufaturados tivessem vindo a ocupar o papel a elas anteriormente destinado, seria fácil explicar a ascensão dos Capitães jovens e o descrédito dos líderes velhos. Porém, a situação discutida por Farage, em que havia a utilização de mão-de-obra indígena para apresiar escravos também indígenas a fim de entregá-los aos holandeses, era muito distinta daquela em que se encontravam os Waimiri-Atroari. Farage equipara o valor simbólico



estava viva: “Eu acho que era para acabar com ela depressa”.

No “Diário de Ocorrências do Posto”, no dia 04.10.83, o Chefe relata que os servidores a haviam removido para o Posto “porém às 13:00 horas, a enferma resolveu voltar para a maloca, pois não gostava daqui. Às 16:00 horas (...) se encontrava numa rede, toda amarrada com cipó e ENVIRA, pelo marido e irmão, pois os indígenas julgavam-na DEMENTE, portanto, com medo, trataram de abandoná-la”. O registro do dia seguinte relata que os Waimiri-Atroari haviam informado que ela falecera no dia anterior às 19:00 horas.

Levando em conta que esta talvez fosse a maneira pela qual os Waimiri-Atroari eliminaram as pessoas que julgavam moribundas, a possibilidade de Dalmo e Dario haverem eliminado Comprido por estrangulamento poderia ter sido, do ponto de vista deles, o comportamento apropriado para tratar de uma pessoa em tal estado. Se foi assim, talvez por coincidência seu comportamento se encaixou com os desejos dos servidores, que enxergaram o incidente com outros olhos. Enquanto Dalmo e Dario, já nomeados pela equipe de funcionários como Capitães da Frente de Atração, talvez houvessem ido à aldeia e praticado um ato que foi entendido pela sua sociedade como normal nas circunstâncias em que Comprido se encontrava, os servidores no Posto Indígena viram, no seu alegado ato, o cumprimento dos seus desejos de extirpar a pessoa em que haviam projetado todas as suas próprias idéias a respeito do caráter traiçoeiro, assassino e bravo do “índio”: o campo semântico que abrangia o comportamento Waimiri-Atroari que lhes era incompreensível. Viram os ataques contra os Postos como assassinios perpetrados contra “indivíduos” inocentes, e exigiram que os Waimiri-Atroari culpassem os “indivíduos” responsáveis<sup>21</sup>, contextualizando a luta para sobreviver dos Waimiri-Atroari dentro dos termos da sociedade nacional, como atos de indivíduos perpetrados contra outros indivíduos.

De maneira semelhante, os Waimiri-Atroari, inclusive Comprido, tentaram expulsar, poucos anos antes, os servidores da FUNAI. Projetaram suas idéias sobre a bravura e a letalidade dos invasores face às suas próprias mortes. Dalmo e Dario, que haviam sido expostos às interpretações dos dois lados, e talvez incentivados pelos servidores a abreviar a vida de Comprido, apresentavam uma visão compatível com aquela da equipe da Frente de Atração, a que eles pertenciam.

Após sua morte, Comprido foi transfigurado em linguagem indigenista, muitas vezes pelos mesmos servidores que justificavam sua aniquilação, e ressuscitado como “herói índio” que defendia as terras do seu povo contra os invasores “brancos”. Em radiograma<sup>22</sup>, o coordenador, que antes o havia dotado de um “ciúme natural”, refere-se ao “valeroso Capitão Comprido”. Ouvi o servidor Ernane dizer ao Capitão Dalmo: “Quando Comprido estava vivo, ele não deixava ninguém entrar na sua terra, não!”, aconselhando-o a tomar uma atitude parecida. Ernane, como muitos dos servidores, falava em “conscientizar” os

21 Zauger (1980:81, 82) descreve uma situação semelhante, quando o território dos Winnebagos, nos Estados Unidos, estava sendo invadido e ocupado por garimpeiros. Os invasores culpavam o líder “Red Bird” pela resistência indígena. Focalizaram seu ressentimento nele, porque o conheciam, e lhe atribuíram um papel de liderança que estava além do que desempenhava, culpando-o como “instigador” da “revolta”.

22 Radiograma nº 366/NAWA, de 01.04.81, do coordenador Giuseppe Cravero.

Waimiri-Atroari, e apelava à imagem de Comprido como herói, para “ensinar” a Dalmo a adotar uma postura indigenista.

Depois que Wilson, Tiago e eu havíamos visitado a capoeira onde falecera Comprido, o Capitão Dario respondeu aos Waimiri-Atroari do aldeamento Xery, quando estes o indagavam sobre o motivo da visita e meu interesse em Comprido, em linguagem indigenista: “Comprido era homem grande”. Senti que a imagem do “homem grande”, expressão do discurso indigenista de alguns servidores, que Dario lhes transmitia, era muito diferente daquela imagem que os Waimiri-Atroari guardavam de um homem que havia sido parte da sua vida cotidiana e foi subseqüentemente censurado pelos servidores. Percebi que estes Waimiri-Atroari estranhavam que eu, uma pessoa que identificavam com a sociedade invasora, me interessasse por um líder defunto; ainda mais um líder que havia sido fortemente censurado por todos os funcionários.

Num artigo escrito por um representante do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), publicado no “Relatório do Quarto Tribunal Russel” (1980:13), os líderes Comprido e Maruaga são apresentados numa linguagem indigenista como “os dois principais chefes da resistência”. O nome “Maruaga” (“maloca”) aparece num relatório do S.P.I.<sup>23</sup> de 1945: “D. Candida (mulher do Chefe de Posto no rio Camanaú e, anteriormente, no rio Jauaperi) perguntou ao Muxupi<sup>24</sup> pelo antigo tuchaua Maruaga, ao que lhe respondeu explicando que Maruaga já estava muito velho e que não podia mais fazer longas viagens, por isso era ele agora o tuchaua”. Num livro inédito<sup>25</sup>, há referência ao “tuxaua, Capitão Maruaga” que manteve contato com a equipe de contato do Padre Calleri em 1968. “Maruaga” aparece também em diversos relatórios do sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa<sup>26</sup>. Segundo um relatório de 1973, deste sertanista, “o Capitão Comprido foi chamar o Capitão Maruaga”<sup>27</sup>. Foi “Maruaga” que veio ao Posto Indígena Abonari com um grupo de Waimiri-Atroari quando o sertanista foi morto num ataque no final de 1974.

Os funcionários afirmavam que Maruaga e Comprido eram os principais líderes<sup>28</sup>, embora, na época em que estive na área (1982-1985), Comprido, que morreu em 1978, estava mais vivo em suas memórias do que o homem idoso que Gilberto conhecia como “Maruaga”, que morreu pouco depois da morte deste sertanista. Os funcionários da Frente de Atração concederam o nome “Maruaga” a outro homem idoso que, após vir ao aldeamento do Posto Indígena Terraplenagem em 1983, foi transferido para o Posto Indígena Alalau Primeiro. Havia

23 “Relatório referente ao ano de 1945, apresentado pelo Chefe da IR 1ª, Alberto Pizarro Jacobina”, S.P.I., Manaus.

24 Talvez uma transliteração de “Mi’sub”, “Comprido”, um de quatro crianças Waimiri-Atroari que ela criara, uns quatorze anos antes, no Posto Indígena do Rio Jauaperi.

25 Queiroz Campos, José de. “Nós os Assassinos dos Índios”, S/D inédito. p. 16.

26 Por exemplo: “Relatório apresentado ao Senhor Chefe da 1ª Delegacia Regional da FUNAI, pelo sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, referente à expedição empreendida à região jurisdicionada ao P.I. ‘Rio Camanaú’, em obediência aos termos da Ordem de Serviço Interna nº 007/69, de 11.06.69”, Manaus, 30.06.69. pp. 2,3.

27 “Relatório de Viagem do Sr. Gilberto Pinto Figueiredo Costa à Região Waimiri-Atroari, abrangendo os Postos Indígenas Camanaú, Alalau, Santo Antônio do Abonari e Subposto Alalau, junto à passagem da estrada no rio Alalau”, de 20.04.73, p. 2.

28 Por exemplo: “Informativo FUNAI” nºs. 15/16, de fevereiro de 1976, p. 7.

muitos anos concederam também o apelido “Comprido” a um homem, xamã, que residia no vale do rio Camanaú, contemporâneo do “Comprido” das aldeias do rio Alalaú.

Como o Comprido do vale do rio Alalaú, o “Maruaga” da época do sertanista Gilberto era um homem que dispunha de autoridade em algumas aldeias localizadas nas cabeceiras dos rios Abonari e Camanaú. Nos dois casos, os servidores, procurando um “Chefe-geral”, atribuíam-lhes este cargo. Como “Comprido”, “Maruaga” foi transfigurado após sua morte. Na capa e num poema de um folheto<sup>29</sup> do “Movimento de Apoio à Resistência Waimiri-Atroari”, o “Maruaga” da época do sertanista Gilberto é apresentado como “Símbolo da resistência” que “Comandou a resistência dos Waimiri-Atroari de 1968 a 1974” e “nesta luta foi morto”. Remodela-o numa linguagem política, acionando o estereótipo de herói-mártir.

Os funcionários do órgão tutelar, desde os primeiros contatos, procuravam o que não encontravam na sociedade Waimiri-Atroari, a presença de um “Chefe-geral” que comandava os Waimiri-Atroari. Materializavam o mito que se criou em torno de “Maruaga” e “Comprido”, criando este cargo e nomeando o Capitão Dalmo para ocupá-lo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAINES, S. G. 1988. “É a FUNAI que sabe”: A frente de atração Waimiri-Atroari. Universidade de Brasília / Depto. de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas. 629 p. Tese de Doutorado.
- OLIVEIRA, R. C. 1976. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo. Pioneira, 118 p.
- OLIVEIRA, R. C. 1978. *A Sociedade do Brasil Indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, Editora Universidade de Brasília. 222 p. (Biblioteca Tempo Universitário; 31).
- FARAGE, N. 1985. De Guerreiros, Escravos e Súditos: O Tráfico de Escravos Caribe-Holandês no Século XVIII. Anu. Antropol., Rio de Janeiro: 174-187.
- HABERMAS, J. 1980. The Hermeneutic Claim to Universality, pp. 181-209 Reading III. In: BLEICHER, J. *Contemporary Hermeneutics: Hermeneutics as method, philosophy and critique*. London, Routledge & Kegan Paul, p. 181-209.
- KLOOS, P. 1977. The Akuriyo Way of Death. *Carib-Speaking Indians: Culture, Society and Language*. *Anthrop. Pap. Univ. Arizona*. Tucson (28): 114-122.
- RIVIÈRE, P. 1977. Some Problems in the Comparative Study of Carib Societies. *Carib-Speaking Indians: Culture, Society and Language*. *Anthrop. Pap. Univ. Arizona*. Tucson (28): 39-41.
- ROMANO, J. O. 1982. Índios Proletários em Manaus: El caso de los Sateré-Mawé citadinos. Universidade de Brasília / Depto. de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas, 322 p. Tese de Mestrado.
- ZAUGER, M. 1980: Red Bird. In: DAVIS, E. R. (org.). *American Indian Leaders*. Studies in Diversity. London, University of Nebraska Press, p. 64-87.

Recebido em 21.02.89  
Aprovado em 06.09.90

<sup>29</sup> Resistência Waimiri-Atroari: Movimento de Apoio à Resistência Waimiri/Atroari, MAREWA, Itacoatiara, 1983.